



# LUZ & SOMBRA



**CIDADE DE  
SÃO PAULO**  
DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA

SEMANA DA VISIBILIDADE TRANS  
2021



CIDADE DE  
**SÃO PAULO**  
DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA

O Transcidadania é um programa Municipal Sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania que oferece uma bolsa mensal para pessoas trans que se comprometem a buscar a progressão escolar, nas escolas públicas referenciadas pelo programa. O Programa é descentralizado nos Centros de Cidadania LGBTI da prefeitura, onde as participantes têm apoio psicológico e de assistência Social, reforço escolar, e cursos e oficinas de capacitação.

A iniciativa começou em 2008 como Programa Operação Trabalho e foi rebatizada como Transcidadania em 2015. No final de 2020 a cidade dobrou o número de vagas, saltando de 240 para 510 vagas. A População Trans, é um dos grupos sociais mais vulneráveis da cidade à violência física e psicológica. Sofre com a discriminação e o preconceito impulsionados pelo machismo estrutural e a transfobia que ainda exercem uma influência muito grande nas relações sociais. A gestão municipal tem um olhar muito atento para o combate a esse tipo de discriminação e por isso o investimento nesse programa, que é na realidade um programa de garantia de direitos.

Este ensaio tem a finalidade de retratar 10 pessoas que passaram ou estão passando pelo programa e ilustrar com as fotos e os textos, a transformação que essa garantia de direitos é capaz de fazer na vida dessas pessoas. Nas próximas páginas, vocês vão conhecer um pouco da história e os rostos destas pessoas. Mais do que dar visibilidade ao programa, o intuito é dar protagonismo para os participantes do programa, que sofrem na pele, dia após dia, os efeitos nocivos de uma vida marcada pelo preconceito o preconceito. Com isso a gente espera sensibilizar a sociedade sobre os problemas que as pessoas trans enfrentam, e dessa forma gerar também a empatia, que é um sentimento tão nobre, e anda um pouco em desuso nos dias de hoje, com todas as preocupações que a vida moderna impõe no nosso cotidiano.

Cláudia Carletto  
Secretária Municipal de Direitos Humanos e Cidadania



Paulistana, Nicole Lima sofreu preconceito em casa quando se identificou como mulher trans, incluindo a pressão da família e da igreja evangélica que frequentava. Sua família a levou até a igreja para conversar com o pastor achando que ela precisava de uma cura para o que achavam ser um transtorno de personalidade. Nicole, como tantas outras pessoas trans, teve que lidar com conflitos e deixar sua casa. Foi por meio do Transcidadania que conseguiu terminar seus estudos na Escola Estadual Rodrigues Alves e fazer cursos profissionalizantes. Encontrou auxílio por meio da Bolsa do Programa e do apoio psicológico oferecido pelo centro, onde participou de cursos e oficinas de teatro, artes e interpretação. "Me sinto mais preparada para a vida e confiante", diz. Nicole conseguiu fazer a retificação de nome social que é um fator de estresse e preconceito para muitas mulheres trans. Hoje leva uma

vida feliz com sua identidade de gênero bem resolvida. Atualmente, Nicole está se recuperando da cirurgia de redesignação sexual que realizou no Hospital das Clínicas, pelo SUS, no dia 7 de dezembro. Ela espera se recuperar totalmente para voltar aos cursos do Centro de Cidadania LGBTI e dar sequência na sua formação profissional. Ela reconhece o papel do Transcidadania na transformação da sua vida e na garantia de direitos de pessoas que enfrentam os mesmos problemas que enfrentou. "É difícil olhar no espelho e não se reconhecer, e ainda ter que convencer as pessoas que ama que aquilo é sério, não uma brincadeira ou capricho. O transcidadania foi meu apoio."

NICOLE LIMA DOS SANTOS



Maria Aline, 33 anos, cuidava da mãe cadeirante desde pequena em, São João da Boa Vista, interior de São Paulo, onde nasceu numa família com cinco irmãos. O pai, não aceitava que ela se visse como menina e não com o sexo biológico que nasceu. Saiu de casa aos 15 anos de idade, após muitos conflitos, deixou o lar e a escola e sem alternativas recorreu à prostituição, em boates do interior para se sustentar. Foi morar em Brasília e decidiu vir para a cidade de São Paulo há 5 anos por intermédio de uma cafetina, morar no Bairro de Santana.

Conheceu o Transcidadania e ingressou no programa, queria arrumar um emprego formal, ter uma carreira e deixar a rua. Lá encontrou um ponto de partida para mudar de vida. Terminou os estudos, fez curso de técnica de enfermagem por meio de um acordo do Programa com a Cruz Vermelha. "O transcidadania é um farol pra nossa comunidade, trouxe à tona meu amor próprio, elevou minha autoestima e me fez perceber que ainda tinha espaço no mundo pra mim", diz Aline.

Com o curso técnico de enfermagem, Aline fez estágios trabalhou em Hospitais de ponta da cidade. Enfrentou preconceito mas, determinada, não abaixou a cabeça e foi em frente. "Quando comecei na enfermagem pensei em desistir. Senti olhares de repulsa de pacientes e colegas que insistiam em me chamar usando pronome masculino", revela.

Hoje está no curso universitário de enfermagem e teve apoio de colegas do Hospital Oswaldo Cruz. Aline, trabalha como Home Care e não perde uma oportunidade para convidar outras meninas trans a entrarem para o Programa. Ativista, Aline tem um canal no Youtube onde discute estes temas.

# MARIA ALINE EMÍDIO ALVES



Claudio, 48 anos, é uma pessoa de personalidade forte e determinada. Saiu de casa aos 18 anos, consciente do que queria para a sua vida. Não sabia muito sobre transexualidade. "Eu era a minha única referência", explica, pois na época o tema era um tabu - poucos se assumiam como homens trans e o preconceito era muito maior do que agora. Sofreu discriminação, mas nunca abaixou a guarda e sempre esteve disposto a quebrar barreiras. Trabalha como "marido de aluguel" fazendo pequenos reparos domésticos e serviços de pintura. "É o que me sustenta". Mas quer concluir o curso técnico de Turismo que faz na ETEC para conseguir um

emprego formal como bartender. Já faço alguns frilas na área e sei preparar ótimos coquetéis", assegura. Cláudio concluiu o ensino médio após dois anos do programa Transcidadania. Na época, em 2017, soube do programa por um amigo e se inscreveu para participar, no Centro de Cidadania LGBTI Luana Barbosa dos Reis (Zona Norte). Terminou na terceira colocação do reality show "Bar Aberto", da TVBandeirantes, de bartenders amadores, e está terminando os cursos de idiomas espanhol e francês. Tudo para atingir os seus objetivos. "O programa nos dá todo o apoio, mas a garra tem que vir de dentro", ensina Cláudio.



CLAUDIO GALÍCIA

Anita Matris, 34 anos, nasceu em Montes Claros (MG), mas morou a maior parte da vida em Belo Horizonte até 2017, quando veio pra São Paulo, com um namorado. "São Paulo é o centro de tudo", diz ela. Artista plástica autodidata, Anita rompeu o relacionamento e desde então faz esculturas em argila e desenha retratos realistas de pessoas na estação Barra Funda do metrô. "Vim pra São Paulo pra me tornar artista. O meu caminho a arte", assegura. Chegou a fazer um curso técnico de artes plásticas mas não conseguiu terminar. Morou nas ruas, na casa de amigas. "Passei um ano dormindo na praça, mas nunca deixei de me cuidar. Com

o dinheiro dos retratos eu ia para um hotel tomar banho". A rodava com os pássaros.

A vida de Anita começou a mudar em 2020, quando uma funcionária da unidade móvel do Centro de Cidadania, LGBTI, da Zona Oeste, a viu na rua, e a convidou pra conhecer o programa Transcidadania. Anita fez a matrícula no CIEJA Cambuci. UBS Santa Cecília e conseguiu a vaga no programa. Ela busca uma capacitação na área artística e sonha em ser famosa. Com tanta determinação, quem a conhece, não é capaz de duvidar que vai conseguir.

# ANITA MATRIS





Jhenyfer mora em São Paulo, mas nasceu em São Miguel do Guamã, uma cidade do interior do estado do Pará, há 150 km da capital Belém. Diferentemente de muitas histórias de pessoas como ela, a paraense sempre contou com o apoio da família. Faltava conquistar a aceitação do pai, com quem não tinha contato há cerca de sete anos. Voltaram a se comunicar mais recentemente por ocasião da morte do irmão. O desejo de evoluir e de sair das ruas a levou a se inscrever no Transcidadania. Em 2020, foi chamada para participar do programa. "Não queria mais me

expor nas ruas", afirma. Entre os seus planos está o de conseguir a casa própria. Para alcançar esse objetivo, pretende continuar os estudos e fazer o curso técnico de enfermagem. "É nessa área que sempre desejei trabalhar", conclui.

JHENYFER  
DOS REIS CASTRO

Uma história de preconceito, de exploração sexual e prostituição, de ter de arriscar a vida na rua e vender o próprio corpo para sobreviver. O enredo frequente na vida de muitas mulheres trans se encaixa perfeitamente na história pessoal de Laís e nos muitos os desafios que teve de superar em função de sua transexualidade. Natural de Arapiraca, em Alagoas, ela encontra nos conselhos do pai os incentivos para superar as adversidades. "Ele sempre me disse para não desistir e lutar para me afirmar", conta. Para ela, o Transcidadania possibilita

às pessoas trans superarem a prostituição, dá a elas uma oportunidade de prosseguir os estudos e de disputar um lugar no mercado formal de trabalho. "O Transcidadania abriu minha mente. Eu era muito agressiva. Hoje, sou mais tranquila. Não é fácil. Temos de superar várias barreiras e com o programa eu percebi que eu sou capaz de mudar e viver algo melhor", afirma.

LAÍS DE FRANÇA ALMEIDA



O programa Transcidadania surgiu na vida de Raquely, 25 anos, quando ela conheceu o Centro de Cidadania LGBTI Laura Vermont após indicação para tratamento psicológico por meio de um psicólogo do hospital Ermelino Matarazzo. Na época, ela passava por várias dificuldades. Estava desempregada, magra, acabara de sair de um relacionamento abusivo e havia parado os estudos. "Eu estava sem esperança, sem perspectivas de futuro", afirma. Em maio de 2018, com o seu ingresso no programa, voltou a estudar e em um ano e meio terminou o ensino médio. Por indicação do Transcidadania, cursou Recursos

Humanos na Faculdade da Zona Leste (FZL). O programa também lhe proporcionou tirar o título eleitoral e mudar o nome social" Eu frequentei as atividades, fiz novas amizades, conheci lugares que nunca tinha ido, como a Pinacoteca de São Paulo, museus, entre outros". Raquely trabalha no Descomplica SP, da Prefeitura de São Paulo, convidada pelo diretor, hoje, ela atua como recepcionista na unidade de São Miguel Paulista.

# RAQUELY SAMPAIO DO NASCIMENTO





Brenda Ferreira Nunes, 40 anos, veio de Sergipe para a cidade de São Paulo em 2003, buscando oportunidades, mas encontrou como única opção viável a prostituição. Vivenciou de perto a transfobia e o preconceito a ponto de perder as esperanças. "Sofri muita humilhação morando em casas de cafetinas, nunca imaginei chegar viva aos 40 anos", diz Brenda, mulher transexual.

Por intermédio de uma amiga, ela ouviu falar do Transcidadania, "programa que dava bolsas a homens e mulheres trans para a conclusão dos estudos".

Brenda se inscreveu em um Centro de Cidadania LGBTI e aguardou a vez de ser chamada. A oportunidade acabou acontecendo em maio de 2018, quando foi chamada pelo Centro de Cidadania LGBTI Laura Vermont, para ser uma

das participantes. Segundo ela, sua vida mudou a partir de então, a exposição à violência e a sensação de não saber se iria voltar pra casa ficaram para trás. Ela começou o curso no CIEJA Paulo Vanzolini, cursou o SENAC, no Núcleo Prates, fez Inglês básico no Centro de Cidadania LGBTI Laura Vermont, aprendeu gestão administrativa e atualmente faz curso técnico de Qualidade no Instituto Federal de São Paulo.

Em outubro de 2020, começou a trabalhar como recepcionista no mesmo Centro de Cidadania, em que concluiu o Transcidadania. "Estou mais feliz e ciente dos meus direitos e obrigações como cidadã", revela.

BRENDA  
FERREIRA  
NUNES

Valéria Torquato, 42 anos, nasceu no Rio de Janeiro. Perdeu a mãe ainda pequena, e, na família, constituída por mais três irmãos, dois já se foram. Afirmo que sempre se sentiu diferente e aos 12 anos compreendeu que era uma pessoa transexual. Por conta própria e influência de amigas, começou a tomar hormônios aos 14. Sem apoio e decidida a fazer a sua transição, passou a morar nas ruas do Rio de Janeiro, até ser acolhida em um quiosque de praia por uma amiga. Já com 24 anos de idade, mudou-se para São Paulo, onde conseguiu empregos informais como auxiliar de limpeza e manicure, o suficiente para se manter financeiramente. Começou no

Transcidadania em 2018, e, a partir daí, sentiu uma evolução que nunca experimentou no plano financeiro e pessoal. Ao final de dois anos como bolsista, fez cursos, arrumou trabalho, conseguiu alugar e comprar mobília para o imóvel onde mora. "Nesse tempo além da formação no ensino médio, tive a oportunidade de realizar alguns cursos, entre eles o de cuidador de idosos, panificação e inglês, o que me ajudou muito, diz Valéria. Nos últimos cinco meses, ela trabalha como cuidadora de idosos. "Me sinto ótima podendo ajudar as pessoas com minha profissão", afirma.

VALÉRIA  
TORQUATO



Joyce Lamarques, nasceu em São Paulo e estava desempregada quando conheceu o Transcidadania. Levou os documentos ao Centro de Cidadania LGBTI Sul, onde foi inserida no programa. "Tive dois anos de muito aprendizado e consegui um estágio fiz estágio no Descomplica São Paulo do Campo Limpo, onde pude aplicar o que aprendi e contei com o respeito dos meus colegas. Ao final do estágio, Joyce se saiu tão bem que acabou efetivada pela empresa terceirizada que presta os serviços no Descomplica, e lá permanece até hoje.

"O Transcidadania me deu oportunidade de terminar o meu estudo e ter conhecimento sobre os meus direitos como cidadã e como ser humano. Hoje me sinto empoderada, mais capaz de enfrentar o preconceito da sociedade contra a população LGBT. Tive ótimos professores, que estavam sempre ao meu lado e me orientando. Aprendi a lidar com algumas situações do dia a dia, o que faço sempre, com a cabeça erguida.

JOYCE LAMARQUES COSTA





# LUZ & SOMBRA

## ENSAIO FOTOGRÁFICO DO PROJETO TRANSCIDADANIA

### **Prefeitura de São Paulo**

**Bruno Covas**  
Prefeito

### **Secretária Municipal de Direitos Humanos e Cidadania**

**Cláudia Carletto**  
Secretária Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

**Mansur Abunasser Bassit**  
Coordenação de Políticas para LGBTI

**Cesar Guerrero**  
Coordenação de Comunicação

**Piti Reali**  
Fotos

**Ana Claudia Paulo**  
Produção

**Ivy Granelli e Bia Mattos**  
Maquiagem

**Paulo Rodrigues**  
Making off

**Alan Oliveira**  
Edição de Making off

**Wesley Rocha Paulino**  
Tratamento de imagens

**Jean Carlos**  
Assistente de fotografia

**Cesar Guerrero**  
Edição de Texto

**Cesar Guerrero**  
**Evertton Clarindo**  
**Silvano Tarantelli**  
Texto

**Beto Cavalcante**  
Projeto Gráfico e Diagramação



# PITI REALI

Nascido e criado no bairro da Bela Vista em São Paulo, 47 anos, o fotógrafo Piti Reali tem uma relação muito intensa com a cidade de São Paulo. Fotógrafo profissional há 25 anos, exerce a profissão com paixão, particularmente por retratos, que acredita, revelam mais do que uma simples imagem. Em sua passagem pelas redações de IstoÉ Gente e Caras, ambos veículos exigentes em relação à qualidade técnica dos retratos, desenvolveu um olhar muito apurado para capturar expressões e gestos reveladores. "A fotografia tem um potencial transformador e sabendo as histórias dos participantes deste ensaio é impossível não se comover com tudo que passaram. Essa luta contra o preconceito fica impressa de alguma forma, nos olhos e na alma das pessoas. Quando soube da proposta deste ensaio me engajei e tive a sorte de ser escolhido para materializar a transformação que o Transcidadania proporciona", diz o autor das fotos.



**CIDADE DE**  
**SÃO PAULO**  
DIREITOS HUMANOS  
E CIDADANIA